



Revista Brasileira de  
História da  
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da  
Educação  
Brasil

Gama Oliveira, João Paulo

O domínio dos bacharéis no ensino acadêmico de história em terras sergipanas (1951-  
1962)

Revista Brasileira de História da Educação, vol. 14, núm. 2, mayo-agosto, 2014, pp. 135-  
156

Sociedade Brasileira de História da Educação  
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161038006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# O domínio dos bacharéis no ensino acadêmico de história em terras sergipanas (1951-1962)

João Paulo Gama Oliveira\*

## Resumo:

O presente estudo investiga quem foram os professores das disciplinas relacionadas à História, no curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, a ‘antiga FAFI’, no período de 1951 a 1962. Por meio de depoimentos orais, atas, cadernetas, entre outras fontes, foi possível averiguar que as disciplinas da História eram ministradas por um corpo docente constituído, predominantemente, por bacharéis em Direito. Assim, o que se tinha era um curso de formação de professores de História, com domínio do professorado constituído por bacharéis, os quais, em alguns casos, já exerciam a docência de História em outras instituições educacionais aracajuanas. Não obstante, à medida que os alunos do curso da faculdade sergipana conseguiam a licenciatura, o quadro de professores alterou-se significativamente.

## Palavras-chave:

*curso de história; ensino superior; formação de professores; história das disciplinas.*

---

\* Graduado em História, Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da Faculdade Atlântico, da SEED/SE, e membro do Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem (DEHEA/UFS/CNPq).

# The domain of the bachelors in the academic teaching of history in Sergipe (1951-1962)

João Paulo Gama Oliveira

## **Abstract:**

The present study investigates who were the teachers of disciplines related to History, in the courses of Geography and History of Faculdade Católica of Sergipe, the ‘old FAFI’, from 1951 to 1962. Through oral statements, records, books and other sources it was possible to infer that the disciplines of the History course were taught predominantly by bachelors in Law. Thus, what we had was a training course for History teachers whose professors were lawyers. They also had taught History in other educational institutions of Aracaju as well. Nevertheless, as the college students graduated in Sergipe the status of faculty changed significantly.

## **Keywords:**

*history course; college education; teacher training; history of disciplines.*

# El dominio de los bachilleres<sup>†</sup> en la enseñanza académica de historia en tierras sergipanas (1951-1962)

João Paulo Gama Oliveira

## Resumen:

El presente estudio investiga quiénes fueron los profesores de las asignaturas relacionadas a la Historia, en el curso de Geografía e Historia de la *Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe*, la ‘antigua FAFI’, en el periodo de 1951 a 1962. Por medio de relatos orales, actas, libretas, entre otras fuentes, fue posible averiguar que las asignaturas de la Historia eran impartidas por un cuerpo docente constituido, predominantemente, por bachilleres en Derecho. Así, lo que había era un curso de formación de profesores de Historia, con dominio del profesorado constituido por bachillerados, que, en algunos casos, ya ejercían la docencia de Historia en otras instituciones educacionales aracajuanas. No obstante, a medida que los alumnos del curso de la facultad de Sergipe conseguían la licenciatura, el equipo de profesores se modificó significativamente.

## Palabras clave:

*curso de historia; enseñanza superior; formación de profesores; historia de las asignaturas.*

---

<sup>†</sup> La ‘licenciatura’ en español es el título obtenido después de cuatro o cinco años de curso universitario. En Brasil, el número de años depende de la carrera cursada y el título es el ‘bachiller’. ‘Licenciatura’ en portugués es un título, posible sólo en algunos cursos universitarios, que permite al licenciado impartir clases.

## Introdução

O ensino superior brasileiro fincou seus primeiros passos estáveis no início do século XX não somente com políticas educacionais concretas, mas também com a criação das primeiras universidades. Em terras sergipanas, apenas em 1948 foram instituídos os primeiros cursos superiores de Economia e Química e, na aurora da década de cinquenta, a formação de professores em nível universitário chegou ao estado por meio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS).

Por esse período, ocorria uma demanda nacional para formar professores para o ensino secundário e normal. Foi nesse ínterim que o governador José Rollemberg Leite apoiou o projeto da Igreja Católica, na figura do bispo Dom Fernando Gomes e do então padre Luciano Duarte, a criarem a FCFS.

A instituição iniciou suas atividades, de forma efetiva, em 1951, agregando, inicialmente, os seguintes cursos: Geografia e História; Filosofia e Matemática. Posteriormente, foram adicionados: Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas – todos na modalidade de bacharelado e realizados em três anos. Além destes, havia Didática, com duração de um ano, cujo objetivo era conferir licenciatura aos bacharéis.

Assim sendo, a formação do profissional de História no nível superior em Sergipe surgiu na década de 1950 e esteve em consonância com vários estados do país que, desde a década de 1930, formava seus professores de História nas Faculdades de Filosofia de forma dupla: primeiro, o bacharelado em Geografia e História; depois, a licenciatura no curso de Didática<sup>1</sup>. Não obstante, o curso da faculdade sergipana adotou as trilhas do padrão nacional, sendo o Curso de Licenciatura em História criado somente em 1963, posto que, até então, existia uma formação que habilitava, conjuntamente, as duas carreiras do magistério.

Nesse sentido, o presente estudo objetiva investigar os primeiros professores das disciplinas relacionadas à História no curso de Geografia e História<sup>2</sup> da ‘antiga FAFI’ no período de 1951 a 1962. O primeiro ano

<sup>1</sup> Entre os estudos que se voltam para a pesquisa dos cursos superiores de História no Brasil, cabe destacar os seguintes trabalhos: Bezerra (2007), com foco na Paraíba; Carvalho (2010), no Paraná; Costa (2010), no Rio Grande do Norte; Rodrigues (2002), no Rio Grande do Sul; Roiz (2004), em São Paulo e os trabalhos de Ferreira (2010, 2013) que tratam dos primeiros cursos de História no Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Outros trabalhos, de forma pontual, já o mencionaram: Freitas (2007) discutiu sobre alguns aspectos dos primeiros anos de funcionamento do curso e conclamou a

referido justifica-se por ser o da criação do curso e o segundo, por ser o momento em que ocorre a separação das áreas; desse modo, tal recorte temporal abrange justamente a formação do professor de História vinculada à Geografia.

Para atingirmos a finalidade a que nos propusemos, usaremos, principalmente, depoimentos orais de ex-alunos e professores, o regimento interno da FCFS, atas, relatórios, cadernetas, entre outras fontes, que nos auxiliaram a escrever uma História desse curso. Como nos ensina Michel de Certeau (2008) ao falar da História,

Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem, desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente. Ela reitera, um regime diferente, os mitos que se constroem sobre um assassinato ou uma morte originária, e que fazem da linguagem o vestígio sempre remanescente de um começo tão impossível de encontrar quanto de esquecer. (CERTEAU, 2008, p. 57).

É dentro desse jogo da vida e da morte que vislumbramos o curso de Geografia e História na FCFS. Difícil é delinear sua história, pois trata de um passado não tão remoto, mas encoberto pela poeira do tempo. Contudo, seus ensinamentos permaneceram vivos na formação de seus docentes, na propagação de um saber que dali saiu e adentrou a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e as diversas salas de aula sergipanas.

## **O curso de Geografia e História da FCFS e os seus professores de História**

O curso de Geografia e História da FCFS funcionou regularmente de 1951 até 1962, pautado pelo Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939 (BRASIL, 1939), que previa não somente o funcionamento dos cursos integrados, como também estabelecia a organização deles. Tal estrutura, no curso da faculdade sergipana, seria modificada apenas em 1962, embora a Lei nº 2.594, datada de 8 de setembro de 1955, afirmasse: “Art. 1º: O atual curso de Geografia e História das Faculdades de Filosofia do

---

realização de pesquisas sobre ele. Santos L. A. (1999) fez uma análise mais geral da história do curso de História diante do aniversário de trinta anos da UFS. Oliveira (2008) produziu uma monografia sobre a primeira turma do curso em foco e Oliveira (2011), em sua dissertação de mestrado, estudou os docentes, as disciplinas e os conteúdos ministrados no curso em análise.

país é desdobrado em dois cursos, curso de Geografia e curso de História" (BRASIL, 1955). A esse artigo foi acrescido um segundo, o qual versava sobre o currículo mínimo dos referidos cursos e que deveriam ser compostos pelas disciplinas de cada uma das áreas, respeitando as deliberações do artigo 14 do Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939, que tratava especificamente da grade curricular do curso de Geografia e História.

Assim sendo, em conformidade com o estabelecido pelo Decreto-Lei nº 9.092, de 26 de março de 1946, entre outros temas, discorreu-se sobre a possibilidade de o aluno cursar somente duas ou três cadeiras do quarto ano, entre elas, o curso de Didática, para obter o título de licenciado, em vez das seis estabelecidas pelo decreto de 1939 (BRASIL, 1946). Tais normatizações embasaram o curso de Geografia e História da FCFS, que, ao longo de mais de uma década, teve uma procura modesta – dos 135 inscritos no concurso de habilitação de 1951 a 1962, houve 91 aprovados, consoante demonstrado no Quadro 1, que apresenta a quantidade de inscritos no concurso de habilitação e os aprovados em Geografia e História da FCFS:

**Quadro 1** - Número de inscritos e de aprovados no concurso de habilitação em geografia e história pela FCFS (1951-1962).

Ano	Inscritos	Aprovados
1951	07	07
1952	07	06
1953	06	05
1954	05	03
1955	13	10
1956	10	10
1957	26	14
1958	20	10
1959	08	07
1960	13	07
1961	11	06
1962	09	06
Total	135	91

Fonte: Quadro elaborado com base na seguinte documentação da FCFS: Revistas, Relatórios semestrais e o Livro de Inscrição no Concurso de Habilitação (1951-1968).

Em 1954, por exemplo, mesmo com poucos inscritos, ou seja, apenas 5, só 3 conseguiram a aprovação. Portanto, as turmas eram pequenas, com uma média de 3 a 14 alunos na primeira série do curso, número que decresceu ao analisarmos a quantidade de graduados, como revela o

Quadro 2, que apresenta o número de bacharéis e licenciados em Geografia e História da FCFS.

**Quadro 2 - Número de graduados em geografia e história pela FCFS (1954-1966).**

Ano	Bacharéis	Licenciados (as)	Total
1954	-	04	04
1955	-	03	03
1956	01	02	03
1957	01	-	01
1958	02	04	06
1959	01	05	06
1960	-	10	10
1961	-	03	03
1962	-	05	05
1963	-	06	06
1964	-	09	09
1965	-	04	04
1966	-	02	02
Total	05	57	62

Fonte: Quadro elaborado com base na seguinte documentação da FCFS: Revistas, Relatórios semestrais e o Livro de Registros de Atas de Formatura.

Percebemos, no Quadro 2, um total de 5 bacharéis e de 57 licenciados no decorrer do curso; além disso, ficaram notórias as oscilações no número de formados: em 1960, tivemos 10; já no ano seguinte, somente 3. A quantidade de bacharéis, em contraposição a de licenciados, também chamou-nos atenção, e notamos que, a partir de 1960, nenhum aluno ficou apenas com o grau de bacharel – continuou os estudos no curso de Didática para conseguir a licenciatura. Dessa forma, mais de meia centena de licenciados colaram o grau naquele curso particular, com uma mensalidade simbólica, segundo os entrevistados<sup>3</sup>.

No tocante à estrutura curricular, diferentes disciplinas compuseram o curso em foco. Este poderia ser dividido em ‘áreas’, tais como: Antropologia, Geografia, História, além de Didática. Dessa forma, diante do objetivo do presente trabalho, buscamos investigar os professores vinculados à ‘área’ da História ou às disciplinas da História, a saber: História da América; História do Brasil; História da Civilização Antiga e Medieval; História da Civilização Moderna e História da Civilização Contemporânea, posto que o ensino acadêmico de História na FCFS

<sup>3</sup> Foram entrevistados 8 ex-alunos do curso em análise, ao longo do ano de 2010.

estava centrado em torno das referidas disciplinas até 1962. A *posteriori*, ocorreu uma mudança na grade curricular em razão da entrada de novas disciplinas, entre elas: Introdução aos Estudos Históricos; História de Sergipe; e História Econômica e Geral do Brasil, seguindo uma tendência nacional de inclusão de matérias teóricas, a fim de qualificar o pesquisador da História para além das aptidões de professor do ensino secundário. Todavia, tais mudanças somente ocorreram na FCFS em 1963, uma vez que, até então, os professores e as específicas áreas de atuação da História estavam distribuídos, conforme o Quadro 3.

**Quadro 3 – Professores das disciplinas da história no curso de geografia e história da faculdade católica de filosofia de Sergipe (1951-1962).**

Série	Disciplina	Professor	Formação	Período de atuação
1 <sup>a</sup>	História da Civilização Antiga e Medieval	Gonçalo Rollemburg Leite	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1951-1962
2 <sup>a</sup>	História da Civilização Moderna	Gonçalo Rollemburg Leite	Licenciada em Geografia e História	1951-1963
	História do Brasil	Maria Thétis Nunes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1952-1956/1
		José Silvério Leite Fontes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1956/2
		Fernando Barreto Nunes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1957-1962
3 <sup>a</sup>	História da América	Armando Rollemburg Leite	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1953-1954
		Luiz Rabelo Leite	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1955-1962
	História da Civilização Contemporânea	Gonçalo Rollemburg Leite		1953-1963
	História do Brasil	Maria Thétis Nunes		1953-1956/1
		José Bonifácio Fortes Neto	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1956/2-1957
		José Silvério Leite Fontes		1958-1962

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base na documentação da FCFS, como relatórios semestrais, cadernetas, além de jornais, revistas e entrevistas.

Observamos, a partir do Quadro 3, um corpo magisterial composto por bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais, com exceção da licenciada em Geografia e História, Maria Thétis Nunes. O principal nome das disciplinas relacionadas à História na FCFS era o de Gonçalo Rollemburg Leite. Já Maria Thétis Nunes e José Silvério Leite Fontes, professores de História do Brasil, seguiram para o ensino e para as pesquisas em diversos temas da História. Armando Rollemburg Leite, Fernando Barreto Nunes, José Bonifácio Fortes Neto e Luiz Rabelo Leite tiveram uma atuação mais modesta nessa área do conhecimento.

Em concordância com a ideia de que “[...] o professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber aprendido, ação fundamental no processo de produção do conhecimento [...]” (BITTENCOURT, 2004, p. 50), fornecemos um papel de destaque aos professores das disciplinas da História na FCFS.

Gonçalo Rollemburg Leite<sup>4</sup> foi o docente que lecionou as três disciplinas de História da Civilização no curso de Geografia e História da FCFS<sup>5</sup>. Segundo Oliveira (2009), o jurista, além de ser filho de família abastada, cresceu em um ambiente de vários estímulos culturais e humanísticos, como também de disputas políticas, das quais a família

<sup>4</sup> Gonçalo Rollemburg Leite nasceu na cidade sergipana de Riachuelo em 14 de fevereiro de 1906 e faleceu em Aracaju em 17 de julho de 1977. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1927 em Minas Gerais, passando a atuar como promotor de justiça. Professor, jornalista e jurista, fundou e, por muitos anos, dirigiu a Faculdade de Direito de Sergipe, assumindo ali a cadeira de Direito Civil e consagrando-se como um dos mais respeitados professores daquela Faculdade. Diretor e redator de *A República* (BARRETO, 2002).

<sup>5</sup> Sobre Gonçalo Rollemburg Leite, localizamos os seguintes trabalhos: Albuquerque (2005) situa-o na linhagem de Aurélia Dias Rollemburg, a Dona Sinhá; Azevedo (2002) escreve um pioneiro estudo sobre o jurista, com uma sucinta descrição de sua atuação; Nascimento (2007) traça um breve panorama da atuação do docente, conclamando estudos que investiguem os silêncios produzidos acerca desta; Oliveira (2009) pesquisa a trajetória administrativa de Gonçalo Rollemburg Leite como diretor da Faculdade de Direito de Sergipe, no período de 1953 a 1970; a mesma autora, em outro trabalho, discorre sobre os seis fundadores da mencionada instituição, destacando, entre eles, Gonçalo Rollemburg Leite (OLIVEIRA, 2010). Os autores citados, exceto Azevedo (2002), registram, em rápidas passagens, a atuação de Gonçalo como professor de História no Atheneu Sergipense e em outras escolas do ensino secundário aracajuano, para além da Faculdade de Direito, instituição que contou com uma representatividade mais efetiva de Gonçalo Rollemburg como professor e diretor. Nascimento (2007) destaca ainda a “[...] predileção em escrever sobre História, intelectuais e cultura, de um modo geral [...]” de Gonçalo Rollemburg Leite.

Leite constantemente fazia parte. Em Aracaju, estudou no Colégio Salesiano e no Atheneu Sergipense. Retornou para o Atheneu como catedrático de História da Civilização em 1938. Já no ensino superior, atuou nas Faculdades de Ciências Econômicas, Direito, Serviço Social e na FCFS. Gonçalo Rollemburg Leite colaborou com jornais e revistas, além de ter escrito diversas publicações, integrado a Academia Sergipana de Letras e, nesta, ocupado, a partir de 1967, a Cadeira 23, na vaga do seu irmão Leite Neto.

Todavia, sua atuação como professor de História é silenciada – principalmente, quando se refere ao professor de História na Faculdade de Filosofia sergipana. De fato, Gonçalo Rollemburg foi um dos seus fundadores e o responsável pelas cadeiras ‘XXIV – História da antiguidade e média’ e ‘XXV – História moderna e contemporânea’, que se subdividiam em disciplinas ministradas nos três primeiros anos do curso. Além disso, ministrou as aulas de Didática Especial da História no curso de Didática; ou seja, as primeiras turmas de professores de História graduados em Sergipe contaram com os ensinamentos desse jurista durante os quatro anos de formação superior.

A preponderância de Gonçalo Rollemburg Leite nas disciplinas da História lembra o que Pierre Bourdieu denominou capital simbólico, ou seja, “[...] um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 166). O capital simbólico, do qual dispunha Gonçalo como professor de História do Atheneu Sergipense, entre outras atuações na sociedade sergipana, inclusive, no magistério superior, somado à sua formação e pertencimento à elite econômica, conferiu-lhe um crédito capaz de legitimar o seu reconhecimento como ‘O professor de História Geral’, conforme o classifica sua ex-aluna Gonçalves (2010).

Cabe ressaltar que se trata aqui de um curso de formação de professores de História. Mesmo Gonçalo Rollemburg Leite não possuindo formação na área, como era o caso de Maria Thétis Nunes, foi o nome do jurista que ficou na memória dos seus ex-alunos como o pilar das disciplinas da História. Possivelmente, o montante de capital simbólico que ele conseguiu angariar impôs o seu reconhecimento.

O ex-aluno de Gonçalo Rollemburg Leite, Alexandre Felizola Diniz, classifica-o como pertencente à ala dos professores formais do curso e descreve sua postura:

Professor Gonçalo Rollemburg Leite, professor Gonçalo, extremamente formal. Ele entrava, dava bom dia, botava o cigarro na boca, ficava na frente, andando pra frente e pra trás e fumando, um, dois, três cigarros, acabava a aula, ia embora, até logo e saía e pronto. (DINIZ, 2010).

Essa declaração de Diniz (2010) é endossada pela de sua colega de turma, Beatriz Góis Dantas:

Gonçalo era um professor também assim [...] me lembrava um pouco Virgílio. Ele quase ignorava os alunos, só que ele exigia disciplina. Ninguém conversava na aula dele, era faculdade; não era o segundo grau com o professor Virgílio Santana. Então ele discorria muito sobre as coisas, as aulas eram muito expositivas, discursivas. Gonçalo ficava passeando de um lado para outro, fumando [...]. Às vezes, me dava impressão que ele nem estava avistando os alunos. Mas também tinha um curso extremamente agradável (silêncio), eu gostava das aulas dele. (DANTAS, 2010).

Pelos depoimentos, aliados a outras fontes, um sintético perfil do professor de História, Gonçalo Rollemburg Leite, seria o de um docente formal, sério e exigente; e mesmo sentado em sua cadeira, ou andando pela sala, fumava sem parar durante a exposição do assunto na aula. Apesar de distante dos alunos no momento das preleções, exigia o silêncio constante deles e o compromisso com as produções acadêmicas<sup>6</sup>. Usava o método expositivo para ministrar seus ensinamentos e falava ininterruptamente sobre determinado conteúdo; mesmo assim, prendia a atenção da turma, composta quase exclusivamente por moças que copiavam as lições do mestre.

Investigando como seriam as aulas de ‘História da Civilização’ em outros locais do país, constatamos que, na FFCL da USP, a referida disciplina também era “[...] ministrada nos três anos do curso e se desdobrava em Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, oferecidas por um único professor. Nela o professor deveria demonstrar todo o conteúdo do processo histórico mundial” (ROIZ, 2004, p. 74). Esse autor esclarece ainda que Emile Cornaet foi o primeiro professor a ministrar a cadeira de ‘História da Civilização’ na FFCL da USP, sendo substituído por Fernand Braudel no período de 1935 a 1937. A partir de 1938, ocorreu uma divisão ‘informal’ dessa disciplina entre Jean Gajé e seu assistente, Eurípedes Simões de Paula. Na Faculdade sergipana,

<sup>6</sup> Oliveira (2009), baseada em depoimentos orais, entre outras fontes, ratifica que, entre os hábitos de Gonçalo Rollemburg Leite, estavam: a compulsão pela leitura, o uso de tabaco e a exigência quanto à produção acadêmica.

observamos um professor com uma formação e atuação na área do Direito, com mais de uma década de trabalho como professor de História na cobiçada congregação do Atheneu Sergipense, quando assumiu tais disciplinas na FCFS.

Já a primeira docente de História do Brasil no curso, Maria Thétis Nunes, afirmou em entrevista: “Na faculdade, eu ensinei História e Geografia; no começo, por conta das dificuldades, [...] depois passei para História do Brasil. Minha disciplina mesmo foi História do Brasil” (NUNES, 2007). Dessa forma, Thétis ficou reconhecida como a professora de História do Brasil da FCFS, apropriando-se desse espaço acadêmico de tal forma que, mesmo distante de Sergipe por alguns anos, ao retornar ao Estado, reassumiu as disciplinas.

A professora e pesquisadora Maria Thétis Nunes configura-se como um dos nomes que deixou marcas indeléveis na história de Sergipe. Com uma vasta produção bibliográfica e larga atuação no âmbito educacional, perpassou várias instituições em diferentes momentos históricos, legou mais de meio século de intenso trabalho. Dentre as várias facetas da sua atuação como educadora, historiadora e pesquisadora, deter-nos-emos aqui em suas aulas de História do Brasil na FCFS<sup>7</sup>.

Maria Thétis Nunes foi uma das fundadoras da Faculdade. No início, ela era a única mulher que fazia parte do corpo docente, como também a singular professora com uma formação específica na área em que lecionava. Em entrevista, Thétis afirmou que, para lecionar na FCFS, independia de convicções ideológicas, o que contribuiu para ela atuar na instituição, tendo em vista sua fama de subversiva (NUNES, 2007).

Essa amiga do diretor, padre Luciano Duarte, assumiu três disciplinas na FCFS: na primeira série, Geografia Física; depois, História

---

<sup>7</sup> Alguns pesquisadores estudaram diferentes aspectos da vida e obra de Maria Thétis Nunes: Oliveira (1997) e Santos M. N. (1999) fazem estudos biográficos de Thétis Nunes; Oliveira e Alves (2010) analisam suas aulas de História do Brasil na FCFS e um esboço da sua biografia. Já a Revista do Mestrado em Educação/UFS (2004) apresentou um dossiê com trabalhos apresentados na 7ª Semana de História da UFS desse mesmo ano, dedicada à *Historiografia de Maria Thétis Nunes*. Com contribuições variadas, a Revista aborda diferentes aspectos da vida e obra de Thétis Nunes, além dos Anais do citado evento. Obviamente, os trabalhos mencionados não são os únicos que versam sobre Maria Thétis Nunes, e as reflexões aqui delineadas servem como “lupas” para nos permitir uma aproximação daquela professora da FCFS, sendo esta uma parte de sua vida cronologicamente anterior à maioria das discussões aqui arroladas, uma vez que tratamos do período anterior à sua ida ao ISEB, à Argentina, ao seu trabalho na UFS e à sua vasta produção bibliográfica.

do Brasil e, ainda, Administração Escolar. Assim, Maria Thétis Nunes lecionou nos quatro anos da primeira turma graduada em Geografia e História – de 1951 a 1954.

Thétis Nunes era uma das professoras mais atuantes nessa faculdade. A partir de 1953, ficou responsável por mais de uma disciplina, ensinando, concomitantemente, na segunda, terceira e quarta séries do curso de Geografia e História. Todavia, em meados de 1956, ela afastou-se das aulas no curso, como também do estado de Sergipe, para frequentar o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Conforme as cadernetas<sup>8</sup> do curso de Geografia e História, após a saída de Thétis Nunes, José Silvério Leite Fontes assumiu a turma de História do Brasil, na segunda série; e José Bonifácio Fortes Neto, na terceira. Entretanto, aparentemente, esse seria mais um ‘arranjo’ para os alunos não ficarem sem aula, pois, a partir de 1957, Silvério Fontes começou a ensinar História do Brasil para a segunda série e Fernando Barreto Nunes, para a série subsequente.

Nesse contexto, Bonifácio Fortes<sup>9</sup> era o professor responsável pela

<sup>8</sup> As cadernetas a que fazemos referência eram mensais, com quatro páginas cada, numa espécie de ‘minilivro’. A primeira página continha a identificação da faculdade, curso, série, disciplina e professor. Todos os dados que necessitavam de preenchimento eram datilografados. Logo depois o espaço para anotação do professor referente a cada aula, com data, ponto, assunto e assinatura do docente. Essas informações continuavam na última página. Nas duas páginas centrais, constava o nome dos alunos com sua respectiva frequência.

<sup>9</sup> Ibarê Dantas (1998) e Ribeiro (2005) nos ajudam a entender quem foi José Bonifácio Fortes Neto. Nascido em Aracaju, estudou no Jardim de Infância Maynard Gomes, nos colégios Nossa Senhora da Glória, Tobias Barreto e concluiu seus estudos secundários no Atheneu Sergipense. Desde cedo, interessou-se pela atividade jornalística; aos dez anos, criou um jornalzinho datilografado, chamado O Radial; como estudante do Atheneu, revitalizou o Grêmio Clodomir Silva e editou o jornal A Voz do Estudante. Outros indícios foram localizados no discurso de saudação proferido por José Silvério Leite Fontes diante da posse de Bonifácio Fortes na Academia Sergipana de Letras. Bonifácio participou da equipe de redatores de O Nordeste, Sergipe Jornal, Gazeta de Sergipe e A Cruzada, apresentou um programa na Radio Aperipê e tornou-se correspondente do Diário da Bahia. Em 1945, prosseguiu seus estudos na Faculdade de Direito da Bahia, participou do Centro Acadêmico Rui Barbosa, ocupando o cargo de bibliotecário. Segundo Dantas (1998), a atuação de Bonifácio Fortes no magistério não se restringiu ao ensino secundário. Como professor de História de algumas escolas públicas aracajuanas, lecionou Geografia Humana no curso de Geografia e História da FCFS (1953-1968), além de Estética (1953-1954) e História do Brasil (1956-1962). Bonifácio participou da Escola de Serviço Social nas cadeiras de Noções de Direito

disciplina de Geografia Humana, permanecendo, no curso em análise, por quinze anos. Iniciou o exercício da docência em 1948. Posteriormente, após a aprovação em primeiro lugar no concurso de suficiência<sup>10</sup> para lecionar História Geral e História do Brasil, trabalhou na Escola Normal Rui Barbosa e no Colégio Tobias Barreto (FONTES, 1981). Já na FCFS, teve uma passagem modesta pela História, sendo lembrado pelos ex-alunos do curso como o professor da ‘área’ da Geografia.

Caso semelhante foi o de Fernando Barreto Nunes, irmão de Maria Thétis Nunes. Ele cursou Direito na Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, e, após a formatura, em 1948, lecionou no Atheneu Sergipense, na Escola Normal, na Faculdade de Ciências Econômicas e na FCFS. Entre outras atuações, assumiu também o cargo de promotor público.

Já José Silvério Leite Fontes<sup>11</sup>, como professor da FCFS, lecionou História do Brasil, Didática Geral e História da Filosofia. A partir de 1963, com a separação dos cursos de Geografia e História e a inclusão da

(1954-1961) e Direito do Menor (1956-1959) e ainda na Faculdade de Direito, sua área de graduação, atuou na cadeira de Direito Constitucional (1957-1964) e Direito Administrativo a partir de 1960. Nesse ano, foi aprovado em concurso para juiz do trabalho, dividindo suas tarefas entre a docência e a magistratura. Bonifácio também exerceu a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1967-1969).

<sup>10</sup> Tal aprovação de Bonifácio Fortes, diante de uma banca composta por Gonçalo Rollemburg Leite, Maria Thétis Nunes e Felte Bezerra, fornece-nos um vestígio das ‘redes de sociabilidade’ dos intelectuais sergipanos em meados da década de 1950 – todos exerciam a profissão docente tanto no Atheneu Sergipense, quanto na FCFS e frequentavam outros espaços culturais, como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSe). Percebemos também que os três professores do Atheneu Sergipense foram os três que, desde o início, assumiram as áreas da História e da Geografia na FCFS: Felte, com Geografia Humana; Gonçalo, com uma História da Civilização tripartida ao longo do curso e Maria Thétis, de início, com a Geografia Física e, posteriormente, com História do Brasil.

<sup>11</sup> Sobre Silvério Leite Fontes, dentre vários trabalhos publicados, destacamos: Santos (1992), Oliva (1998), Menezes (1998) e Dantas (2006). Para sabermos um pouco mais acerca da vida desse professor, recorremos a Menezes (1998). Segundo este, Silvério Fontes nasceu em 6 de abril de 1924, filho de José Silvério da Silveira Fontes e de Iracema Leite Fontes. Fez seus estudos iniciais no colégio Tobias Barreto e o primeiro ano complementar no Atheneu Sergipense, depois partiu para continuar seus estudos na Bahia. Acadêmico de Direito entre 1942 e 1946, ainda na graduação, fez parte do Centro Ruy Barbosa como vice-presidente. No tocante à sua vida, obra, família e até mesmo depoimentos de Maria Thétis Nunes, Manuel Cabral Machado e João Oliva sobre o mestre, consultar o site do Professor Silvério Fontes (2013).

disciplina ‘Introdução aos Estudos Históricos’, assumiu a responsabilidade de fornecer as noções preliminares aos neófitos na História até 1987. Em suas palavras: “[...] foi criada, por minha proposta, a disciplina Introdução aos Estudos Históricos e passei a lecioná-la, o que me encaminhou para os estudos teóricos da História, para a metodologia histórica” (FONTES apud MENEZES, 1998, p. 62). Nesse sentido, a disciplina ‘Introdução aos Estudos Históricos’ interferiu no processo de profissionalização de Silvério Fontes, delineando caminhos pelos quais percorreu tanto no magistério quanto na pesquisa.

Em contrapartida, além da FCFS, Silvério Fontes atuou como docente na Escola de Comércio Conselheiro Orlando Dantas, Escola Normal, Escola de Serviço Social e na Faculdade de Direito, integrando-se depois ao corpo docente da UFS. Sua vida no magistério dividiu-se entre o Departamento de História e o Departamento de Direito. Neste, lecionou Direito Internacional Público, Direito Eleitoral, Sociologia Jurídica e Introdução ao Direito. Naquele, Introdução aos Estudos Históricos, Historiografia Brasileira e Teoria da História (MENEZES, 1998).

Embora tenha cursado seu doutorado em Direito no estado de Pernambuco (1965-1966), nesse mesmo período, iniciou-se sua maior contribuição para a historiografia sergipana: o Projeto de Levantamento de Fontes Primárias da História do Estado de Sergipe – fato que culminou com a criação do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica (PDPH) do Departamento de História da UFS. Indiscutivelmente, este foi um projeto pioneiro no estado e fundamental para preservar e construir a história de Sergipe e, até mesmo, para legitimar a História como área do saber nessa região do Brasil.

A fim de melhor depreender sobre as personalidades aqui discutidas, inquirimos Dantas (2010), em entrevista, sobre seus professores de História do Brasil. Não se recordou muito bem de Fernando Barreto Nunes, seu professor na segunda série do curso, e prosseguiu: “Agora Silvério, eu lembro, marcou, porque Silvério era um professor exigente” (DANTAS, 2010):

Silvério, a gente fazia a leitura da história marxista. Como foi um ano de muita greve, durante a greve, Silvério obrigava a gente a estudar. Ele passava o livro de Caio Prado e mandava a gente estudar para apresentar o livro quando retornasse da greve (risos). Na greve, a gente ficava estudando Caio Prado. Eu lembro que eu ia lá para o Colégio São José, com as duas freirinhas – irmã Auristela e irmã Betânia – e ficávamos estudando Caio Prado. Aqui, acolá, Alexandre aparecia e dava uma boa empurrada nas interpretações marxistas de Caio Prado e a gente ia em frente. (DANTAS, 2010).

Caio Prado Júnior foi um dos autores estudados por Silvério Fontes em sua tese de doutorado na década de 1970, denominada *Quatro vertentes da historiografia brasileira contemporânea*. A tese tratava de Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e Nelson Werneck Sodré, com o intuito de “[...] fazer uma crítica ao marxismo através das teses, embora o único marxista ortodoxo seja Werneck Sodré. Os outros são marxólogos” (FONTES apud MENEZES, 1998, p. 54).

Freitas (2007, p. 221) afirma que, no final da década de 1960, “Silvério traduzia textos de Henry-Irinée Marrou, difundia Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel”, e prossegue a análise das leituras do erudito sergipano que

[...] mantinha os olhos nas ‘alianças e apoios’ estabelecidos pela segunda geração dos Annales sem, contudo, desviar o pensamento do axioma cartesiano, a dúvida metódica – na crítica histórica – codificada por Charles Victor Langlois e Charles Seignobos. (FREITAS, 2007, p. 221, grifo do autor).

Pelas informações expostas, temos uma sucinta noção do contato de Silvério Fontes com o que estava sendo publicado na França e em outros locais, no tocante à teoria da História nesse período. Tais leituras foram fundamentais para elaborar projetos mais amplos, como o PDPH e mesmo para o trabalho de pesquisa histórica em Sergipe. Inferências teóricas que, certamente, entusiasmaram os seus alunos e futuros professores de História.

Já a História da América, disciplina da última série do curso de Geografia e História, foi ministrada por dois professores. Primeiro, de 1953 a 1954, por Armando Leite Rollemburg e, a partir de 1955 até 1962, pelo docente Luís Rabelo Leite. Segundo Oliveira (2010), Armando Leite Rollemburg<sup>12</sup> bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela mesma faculdade em que seu primo, Gonçalo Rollemburg Leite, tendo se formado em 1943. Exerceu a docência na Escola Técnica de Comércio de Sergipe, onde lecionou Administração e Finanças; foi professor de Direito Comercial na Faculdade de Direito de Sergipe, além de ter sido um dos fundadores dessa instituição; foi também professor de História da

<sup>12</sup> Nasceu em Japaratuba-SE (21.2.1921) e faleceu em Aracaju-SE (22.4.1994). Filho de José de Faro Rollemburg e Josephina Sobral Rollemburg, família de posses no estado de Sergipe. Ocupou, entre outros cargos, os de Chefe de Polícia do Estado de Sergipe, Deputado Estadual, Deputado Federal e Ministro do Tribunal Federal de Recursos (OLIVEIRA, 2010).

América na FCFS. Já sobre Luiz Rabelo Leite, sabemos apenas de sua formação como bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Sobre os conteúdos, na ‘História da Civilização Americana’, lecionada na USP, na década de 1930, caberia ao professor tratar desde a pré-história dos povos americanos até o início do século XX (ROIZ, 2004), semelhante ao programa e às cadernetas que trazem os assuntos lecionados nessa disciplina na FCFS.

## **Considerações finais**

A partir do exposto, podemos inferir que as disciplinas da História na FCFS eram compostas por um corpo docente predominantemente de bacharéis; ou seja, era um curso de formação de professores de História cujo corpo magisterial era dominado por bacharéis em Direito que, em alguns casos, já exerciam a docência no ensino de História em renomadas instituições educacionais aracajuanas. Não obstante, à medida que os alunos do curso da faculdade sergipana conseguiam a licenciatura, alguns voltavam à instituição como docentes.

Assim, a partir, principalmente, dos anos 1960, ex-alunos do curso de Geografia e História ocuparam espaços na FCFS. Nomes como Aldeci Figueiredo Santos, Beatriz Góis Dantas, Diana Maria de Faro Leal, José Alexandre Felizola Diniz, Maria Auxiliadora de Melo Diniz, Maria da Glória Costa Monteiro, Maria da Glória Santana de Almeida, Maria de Andrade Gonçalves e Maria de Lourdes Amaral Maciel figuram entre os discentes que trilharam os primeiros passos da construção e do próprio reconhecimento do ‘campo’ de professores e pesquisadores com uma formação em nível superior específica para a docência.

Todavia, os pioneiros professores do curso, mesmo sem uma habilitação particular na área, o que era comum na época, inclusive, sendo constatado em outros locais do país, deixaram suas marcas nas disciplinas lecionadas e práticas vivenciadas. As finalidades das disciplinas aqui estudadas perpassavam a memorização de fatos, nomes e datas pelo seu público. Com o uso do método expositivo, trabalhava-se a ‘História da Civilização’ de forma tripartida; o Brasil, com foco principal nos aspectos políticos e econômicos; nesta linha, também era estudada a América. Destacaram-se as aulas sobre ‘cultura’, de forma geral, presentes nessas disciplinas e, muitas vezes, solicitadas nas questões dissertativas das avaliações ou, até mesmo, em trabalhos.

As disciplinas da História, em meados do século XX, apresentaram aos discentes do curso de Geografia e História da FCFS as linhas gerais

das Histórias mundial, americana e brasileira, sem maiores discussões sobre pesquisa, ou mesmo, a respeito da escrita da História. A finalidade era formar o professor do ensino secundário e normal e, para alcançar esse fim, narravam-se, em largos traços, diferentes aspectos da História. Além disso, havia a realização dos ‘estágios’ e trabalhos, com o intuito de aproximar o aluno da sua futura prática em sala de aula. Nesse sentido, após cursar as disciplinas da História, entre outras, os alunos do curso de Geografia e História receberiam o título de bacharéis e apenas adquiririam a formação de licenciado em História depois do estudo das disciplinas de Didática, ou, o ‘+1’ da FCFS.

Por fim, podemos afirmar que, embora dotado de um ensino de caráter geral, com aulas expositivas ministradas por professores sem formação na área em que ensinavam e com pouco acesso a livros ou pesquisas, o curso de Geografia e História da FCFS colaborou sobremaneira para a legitimação da História como área do saber acadêmico e a necessidade de profissionais com uma formação específica na área, tanto para atuar no ensino superior quanto para lecionar no ensino secundário e normal de outrora. Indubitavelmente, o ensino acadêmico da História, na ‘antiga FAFI’, contribuiu para a construção do saber histórico em terras sergipanas, tecendo fios que perpassaram tantas outras histórias.

## Fontes

FCFS. Atas de Reuniões da Congregação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizada de 1951-1962. Relatórios Semestrais da FCFS – 1951-1962.

FCFS. Regimento interno.

OLIVA, T. *O Professor Silvério e a Pesquisa Histórica*. Aracaju, 24 de Julho de 1998. (Mimeoografado).

SANTOS, F. J. A. *Mestre José Silvério Leite Fontes. 45 anos de Magistério*. Discurso proferido na homenagem pelos 45 anos de magistério do Professor José Silvério Leite Fontes na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 30 de abril de 1992.

## Entrevistas concedidas ao autor

DANTAS, B. G. D. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 3 de Junho de 2010. Aracaju-SE.

DINIZ, J. A. F. Ex-aluno do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista

concedida ao autor em 1º de Junho de 2010. Aracaju-SE.

GONÇALVES, M. M. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 29 de maio de 2010. Aracaju-SE.

NUNES, M. T. Professora do Curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 15 de agosto de 2007. Aracaju-SE.

## Referências

ALBUQUERQUE, S. B. M. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia Editorial/Scorttecci, 2005.

AZEVEDO, C. B. Gonçalo Rolleberg Leite e a direção da Faculdade de Direito de 53 a 70. *Jornal CINFORM*, Aracaju, n. 991, 8-14 abr. 2002. p. 53. Caderno de Cultura.

BARRETO, L. A. *Pequeno dicionário prático de nomes e denominações de Aracaju*. Aracaju: ITBEC/BANESE, 2002.

BEZERRA, F. C. *O Ensino Superior de História na Paraíba*: aspectos acadêmicos e institucionais (1952-1974). 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Núcleo de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

BITTENCOURT, C. F. *Ensino de História*: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.190, de 04 de abril de 1939. Organiza a Faculdade Nacional de Filosofia. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=6444&tipoDocumento=DEL&tipoTexto=PUB>>. Acesso em: 5 mar. 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº 9.092, de 26 de março de 1946. Amplia o regime Didático das Faculdades de Filosofia e dá outras providências. Disponível em:<<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=104544&tipoDocumento=DEL&tipoTexto=PUB>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

BRASIL. Lei nº 2.594, de 08 de setembro de 1955. Dispõe sobre o desdobramento dos Cursos de Geografia e História nas Faculdades de Filosofia. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=110586&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

CARVALHO, S. M. B. *A formação do professor de História na Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual de Ponta Grossa de 1950 a 1970*: propostas

curriculares e memórias docentes. 2010. 286f. Tese (Doutorado em Educação)-Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2010.

CERTEAU, M. *A Escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

COSTA, A. L. *A formação de profissionais de História: o caso da UFRN (2004-2008)*. 2010. 193f. (Dissertação de Mestrado)-Núcleo de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

DANTAS, I. Bonifácio Fortes, pioneiro nos estudos de Ciência Política em Sergipe. *Revista Tomo*. Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, v. 1, n. 1, p. 47-60, 1998.

DANTAS, I. ‘José Silvério Leite Fontes’. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, n. 35, p. 297-308, 2006.

FERREIRA, M. M. Intelectuais ou professores? A criação dos primeiros cursos de História no país já apontava os desafios do ensino universitário nessa área. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Ano V, n. 56, p. 80-83, maio 2010.

FERREIRA, M. M. *A História como Ofício*. A constituição de um campo disciplinar. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FONTES, S. L. Discurso de saudação a José Bonifácio Fortes. *Revista da Academia Sergipana de Letras*, Aracaju, n. 28. p. 33-54, 1981.

FREITAS, I. *Historiografia Sergipana*. São Cristóvão: UFS, 2007.

MENEZES, A. P. *José Silvério Leite Fontes*: uma contribuição à Historiografia de Sergipe. 1998. 82f. Monografia (Licenciatura em História)-Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1998.

NASCIMENTO, J. C. *Silêncios e esquecimentos da história da educação em Sergipe: o professor Gonçalo Rollemburg Leite*. 28 jan. 2007. Disponível em: <[http://www.jorge.carvalho.zip.net/arch2007-01-28\\_2007-02-03.html](http://www.jorge.carvalho.zip.net/arch2007-01-28_2007-02-03.html)>. Acesso em: 16 dez. 2010.

OLIVEIRA, J. P. G. *O Curso de geografia e história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre alunas, docentes e disciplinas – uma história*. 2008. 95f. Monografia (Licenciatura em História)-Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

OLIVEIRA, J. P. G. *Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)*. 2011. Dissertação

(Mestrado em Educação)-Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2011.

OLIVEIRA, M. T. J. A trajetória administrativa de Gonçalo Rollemburg Leite junto à Faculdade de Direito de Sergipe (1953 - 1970). In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA, 9., 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009. p. 1-15.

OLIVEIRA, M. T. J. Elites, intelectuais e docência: anotações prosopográficas de professores fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe. In: VIII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2010, São Luís. *Anais...*São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2010. p. 1-15.

OLIVEIRA, N. *Maria Thétis Nunes*: uma contribuição à historiografia sergipana. 1997. 62f. Monografia (Licenciatura em História)-Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1997.

OLIVEIRA, J. P. G.; ALVES, E. M. S. As aulas de Maria Thétis Nunes na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1956). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 4., 2010, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. p. 1-12.

PROF. SILVÉRIO FONTES. Disponível em: <<http://www.silveriofontes.com.br/index.html>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

REVISTA DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO. São Cristóvão, v. 9, jul./dez. 2004. Revista Semestral do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

RIBEIRO, W. ‘José Bonifácio Fortes Neto’. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, n. 34, p. 247-251, 2005.

RODRIGUES, M. C. M. O papel da universidade no ‘campo da história’: o curso de Geografia e História da UPA/URGS na década de 1940. *Métis - História e Cultura*, Caxias do Sul, v. 1, n. 2, p. 75-101, jul./dez. 2002.

ROIZ, D. S. A institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1956. 2004. 150f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’. Franca, 2004.

SANTOS, L. A. Curso de história: resgate e memória histórica. In: ROLEMBERG, S. T.; SANTOS, L. A. *História dos Cursos de Graduação*. São Cristóvão: UFS, 1999. p. 159-170.

SANTOS, M. N. *Professora Thétis: uma vida*. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

Endereço para correspondência  
João Paulo Gama Oliveira  
Rua E, nº 261  
Condomínio Serigy  
Bloco 5, Apto. 301  
Bairro Jaboliana  
CEP 49095-000  
Aracaju – SE  
E-mail: jpg\_oliveira@yahoo.com.br

Recebido em: 18 fev. 2013

Aprovado: 6 ago. 2013

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.